

REPRODUÇÃO SOCIAL E ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA DA POPULAÇÃO WARAO NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM/PA

PABLO QUINTERO¹

UFRGS, BRASIL

<http://orcid.org/0000-0003-4111-9895>

RESUMO: *O presente artigo tem sua origem em parte do relatório apresentado ante o Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB) e o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) sobre a “inserção” da população Warao em atividades socioprodutivas na região metropolitana de Belém, no marco do projeto interinstitucional Povo das águas: trabalho, participação e meios de vida, desenvolvido por ambas as organizações. O objetivo da pesquisa, que o relatório original sintetiza, foi explorar as já mencionadas possibilidades de inserção socioprodutiva da população Warao, visando encontrar alternativas de articulação socioeconômica que contribuam à reprodução social dos grupos familiares Warao. Neste sentido, a pesquisa realizada foi pensada como um documento de dupla natureza: em primeiro lugar, interessado por analisar brevemente as características gerais dos contextos socioprodutivos e das cadeias de valor nas quais a população Warao poderia se inserir; e, em um segundo momento, como proposta de um conjunto de opções e/ou alternativas para tal inserção, focando na proposição de um projeto piloto. O artigo aqui apresentado limitasse a oferecer a primeira parte dos resultados da pesquisa.*

PALAVRAS-CHAVE: *Warao, Reprodução social, Estratégias de sobrevivência, Belém/PA.*

ABSTRACT: *The present article originates from part of the report submitted to the International Education Institute of Brazil (IEB) and the United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR) regarding the "insertion" of the Warao population into socio-productive activities in the metropolitan region of Belém, within the framework of the inter-institutional project People of the Waters: Work, Participation, and Livelihoods developed by both organizations. The objective of the research summarized in the original report was to explore the aforementioned possibilities for the socio-productive integration of the Warao population, aiming to find alternatives for socioeconomic articulation that would contribute to the social reproduction of Warao family groups. In this sense, the research was conceived as a document of dual nature: first, to briefly analyze the general characteristics of the socio-productive contexts and value chains in which the Warao population could be integrated, and second, to propose a set of options and/or alternatives for such integration, focusing on the development of a pilot project. The article presented here is limited to offering the first part of the research findings.*

KEYWORDS: *Warao, Social reproduction, Survival strategies, Belém/PA.*

¹ Professor do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS). E-mail: pablo.quintero@ufrgs.br

Introdução

O presente artigo está baseado em parte do relatório final, elaborado pelo autor, a pedido do Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB) e o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) sobre a “inserção” da população Warao em atividades socioprodutivas na região metropolitana de Belém, especificamente, nos municípios de Belém e de Ananindeua onde esta população reside, no marco do projeto interinstitucional *Povo das águas: trabalho, participação e meios de vida*.

O Instituto IEB é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos, fundada em novembro de 1998, com sede em Brasília e atuação em todo o território nacional. Suas ações têm como foco a formação e capacitação de pessoas e o fortalecimento de organizações nos diversos aspectos e temas relacionados ao meio ambiente, desenvolvimento e sustentabilidade. Entre as iniciativas desenvolvidas pelo IEB, destaca-se o Programa Povos Indígenas (PPI), cujo objetivo é contribuir para a garantia da autonomia e do protagonismo dessas coletividades na defesa dos seus direitos e na proteção dos seus territórios. O programa está estruturado em três frentes: a) fortalecimento institucional para a garantia dos direitos indígenas; b) formação e capacitação de atores sociais em temáticas indigenistas; e c) gestão territorial e ambiental de territórios indígenas. Em sua atuação junto aos povos indígenas, o instituto tem como princípio zelar pelo reconhecimento dos direitos étnicos, respeitando as diferenças de crenças, usos, costumes, línguas e tradições de cada coletividade; valorizar a atuação do movimento indígena por meio de suas associações representativas; disseminar informações qualificadas sobre os povos indígenas de modo a contribuir para a redução das várias formas de preconceito; e incentivar a autonomia e o protagonismo indígena na gestão dos seus territórios e associações.

A partir dessas premissas, o IEB, em diálogo com o ACNUR, elaborou o projeto *Povo das águas: trabalho, participação e meios de vida*. O projeto tem como objetivo contribuir para a inserção socioprodutiva de famílias Warao residindo em Belém e Ananindeua, por meio de ações nos eixos do fortalecimento comunitário, do fortalecimento de coletivos produtivos e do acompanhamento de iniciativas individuais de inserção laboral.

Desde este marco, o objetivo central da pesquisa, que deu origem ao já citado relatório, foi o de explorar as possibilidades de inserção socioprodutiva da mencionada população Warao, visando encontrar alternativas de articulação socioeconômica que contribuam na sua reprodução social. Neste sentido, a pesquisa realizada foi pensada como um documento de dupla natureza: em primeiro lugar, interessado por analisar brevemente as características gerais dos contextos socioprodutivos e das cadeias de valor nas quais a população Warao poderia se inserir, e, em um segundo momento, como proposta de um conjunto de opções e/ou alternativas para tal inserção, focando na proposição de um projeto piloto. O artigo aqui apresentado limitasse a oferecer a primeira parte dos resultados da pesquisa².

² Agradeço a população Warao da região metropolitana de Belém, especialmente as comunidades residentes em Belém e Ananindeua/PA, por ter me recebido e compartilhado suas preocupações e expectativas comigo. Da QUINTERO, Pablo. Reprodução social e estratégias de sobrevivência da população Warao na região metropolitana de Belém/PA. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 110-132, jan./abr. 2025.

O trabalho de consultoria foi realizado entre os meses de abril e setembro de 2022, sendo desenvolvido em duas etapas. Uma etapa de trabalho de campo levada a cabo entre abril e junho, e uma segunda etapa de processamento de dados, recuperação bibliográfica e estatística, análises e, finalmente, redação do presente documento, desenvolvida entre julho e setembro do mesmo ano. A metodologia de pesquisa desenvolvida durante a consultoria foi tanto qualitativa quanto quantitativa, assentando-se em várias estratégias de coleta de dados. Entre tais estratégias destacam-se visitas etnográficas feitas em diversas oportunidades em cada uma das comunidades de Belém e Ananindeua, assim como o acompanhamento de diversas oficinas e encontros de capacitação junto ao IEB, o ACNUR, e outras instituições públicas e privadas. O trabalho de campo também foi desenvolvido em visitas a diversas instituições de fundamental interesse ao trabalho aqui desenvolvido. Da mesma forma, foram realizadas entrevistas em profundidade com referentes comunitários dos diversos assentamentos Warao. Como complemento da coleta de informações, a partir de fontes primárias, foram consultadas diversas fontes secundárias de cunho econômico e estatístico relevantes à análise aqui desenvolvida.

Considerando que em uma consultoria anterior, realizada pela antropóloga Marlise Rosa (2021b), foram já apontadas, através do seu excelente diagnóstico, tanto as concepções quanto às experiências históricas de trabalho da população Warao, passando pelas capacidades e potencialidades laborais atuais, o nosso relatório avança a partir de tal diagnóstico, dando ênfase não só as características e condições “internas” de trabalho (“potencialidades” Warao) senão também ao contexto “externo” onde tais potencialidades podem (ou não) se inserir: ou seja, ao marco socioeconômico da região metropolitana de Belém. Consideramos que só uma perspectiva relacional que considere as potencialidades socioprodutivas Warao dentro do contexto socioeconômico específico pode revelar alternativas possíveis para a autossuficiência econômica futura da população Warao. Uma perspectiva que só ressalte as capacidades e expectativas dos Warao como “recursos humanos”, desconsiderando o marco e as dinâmicas socioeconômicas onde tal população pretende ser “inserida”, estará inevitavelmente condenada ao fracasso.

Considerações gerais sobre a população Warao

Nos últimos dois anos, tem se multiplicado os trabalhos de pesquisa sobre a população Warao residente no Brasil, entre as publicações cada vez mais numerosas encontram-se matérias de muito valor, elaboradas a partir de projetos de pesquisas individuais e coletivos. Apresentaremos algumas descrições gerais sobre o trabalho entre os Warao e, nos próximos itens,

mesma forma, estou em dívida com a equipe do IEB, e muito especialmente com a antropóloga Dra. Clémentine Maréchal, que me introduziu nas comunidades e me ajudou em todos os aspetos possíveis durante a realização da pesquisa. Agradeço também a antropóloga Dra. Marlise Rosa quem realizou o primeiro componente do projeto *Povo das águas: trabalho, participação e meios de vida* (IEB-ACNUR), e a antropóloga Dra. Katiane Silva que me auxiliou na compreensão das dinâmicas urbanas de Belém. Finalmente, gostaria também de agradecer ao Sh. Said Mounsif, e a sua família, pelo acolhimento na cidade de Belém.

QUINTERO, Pablo. Reprodução social e estratégias de sobrevivência da população Warao na região metropolitana de Belém/PA. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 110-132, jan./abr. 2025.

desenvolveremos algumas caracterizações que parecem menos estendidas, mas que resultam fundamentais para desenvolver os objetivos deste documento.

Como é sabido, a população Warao é um grupo étnico originário do Nordeste da Venezuela, formado por aproximadamente 50.000 pessoas que representa, em termos demográficos, a segunda maior população indígena do país sul-americano (QUINTERO, 2020). Porém, segundo dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR, 2021) a sexta parte do povo Warao encontra-se desde 2016 residindo no Brasil, em situação de refúgio e em condições de extrema vulnerabilidade. A maioria da população Warao no Brasil está assentada em bairros periféricos das capitais do país, sem receber apoio institucional ou governamental e sem poder desenvolver, na grande maioria dos casos, formas tradicionais de subsistência como, por exemplo, a pesca e a colheita. Comparando a população Warao com outras populações tradicionais do Brasil, a primeira tem uma das piores taxas de mortalidade infantil, assim como de subnutrição infantil e adulta do país inteiro. Da mesma forma, o número de pessoas Warao contagiadas com doenças sexualmente transmissíveis é bastante significativo, assim como o de pessoas com algum tipo de dependência química (ROSA, 2021a). Todavia, esta situação de vulnerabilidade da população Warao residente no Brasil não é muito diferente na Venezuela.

Como fundamentam os estudos antropológicos mais clássicos (HILL et al, 1954) e as pesquisas mais contemporâneas feitas por María Matilde Suarez (1968 e 1972), Johannes Wilbert (1970) e Dieter Heinen (1972), o parentesco Warao está caracterizado por um sistema matrilinear de descendência que dá preferência (mas não obrigatoriedade) à residência uxorilocal³. Tal sistema de parentesco fundamenta as bases centrais dos sistemas clássicos de organização política e dos processos de territorialização. O padrão de assentamento tradicional dos Warao é formado a partir de comunidades ribeirinhas, articuladas através de 10 a 15 vivendas multifamiliares, constituindo, assim, pequenas comunidades ou “rancherías”. A habitação tradicional Warao (*hanoko*) está construída sobre as águas para aproveitar a geografia dos diversos rios e riachos que compõem o território do Delta do Orinoco (BRIGGS, 2008; HEINEN e GASSÓN, 2016). Este tipo de articulação social funda-se, também, em uma organização política de alta dispersão e com pouca coesão social, sem a presença de lideranças centralizadoras, mas com a existência de um “cabeça da família” – em geral, um ancião do gênero masculino (*aidamo*) que, junto com seu cônjuge, se encarrega da solução dos conflitos internos e da divisão dos produtos e dos possíveis excedentes no nível das comunidades locais (HEINEN, 1972).

No passado pré-colonial, o seu consumo energético esteve relacionado diretamente com as atividades pesqueiras e o usufruto do Buriti (*mauritia flexuosa*). Entre as décadas de 1920 e 1930, os missionários católicos introduziram, desde a Guiana Britânica, o cultivo do inhame (*colocasia antiquorum*), que ganhou um importante lugar na economia Warao, também

³ Diz respeito ao costume, à regra ou ao padrão de casamento que determina como residência de um novo casal o local de moradia anterior da mulher ou da sua comunidade de origem.

QUINTERO, Pablo. Reprodução social e estratégias de sobrevivência da população Warao na região metropolitana de Belém/PA. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 110-132, jan./abr. 2025.

se desenvolvendo a partir desse período como uma sociedade baseada na horticultura (GARCÍA-CASTRO, 2000). Embora formassem um grupo étnico com características sedentárias, registradas tanto pela literatura histórica e etnográfica quanto pelas pesquisas arqueológicas, os Warao, desde 1960, começaram a desenvolver diversos ciclos migratórios que reconfiguraram parte das suas práticas territoriais e das suas estruturas de subsistência, o que levou parte da população a se assentar nos grandes centros urbanos das regiões próximas do Delta do Orinoco.

Aproximadamente trinta anos depois, um novo processo migratório é empreendido por outros grupos Warao na década de 1990, causado novamente pela contaminação ambiental dos territórios tradicionais e pela impossibilidade de sobrevivência, assim como por uma intensa epidemia de cólera que afetou profundamente a região do Delta do Orinoco em geral e à população Warao em particular. Este segundo ciclo se caracteriza pelas migrações estacionais dos Warao para importantes centros urbanos da Venezuela como Caracas, Maracay, Valencia e Maracaibo (AYALA LAFÉE-WILBERT e WILBERT, 2008). A dinâmica destas migrações sazonais parece ter estabelecido, no caso dos Warao, novos tipos de dinâmicas “econômicas”, assim como novas configurações das relações sociais (ROSA e QUINTERO, 2020).

Pressionados pela aguda crise econômica da Venezuela, tal qual boa parte da população do país, algumas famílias Warao começaram, entre 2014 e 2015, a se deslocar até o Sul, aproximando-se da fronteira com o Brasil. Depois de várias tentativas, incluindo deportações compulsórias realizadas pela Polícia Federal (ROSA, 2021a), os grupos Warao começam seu ingresso no Brasil no final de 2016, assentando-se na cidade fronteiriça de Pacaraima, em Roraima, logo se deslocando para Boa Vista/RR e Manaus/AM. Já no início de 2017, algumas famílias partem da capital amazonense e chegam às cidades de Santarém/PA e Belém/PA. Desde 2017, diversos grupos Warao, tendo como base as cidades de Manaus/AM e Belém, começaram a se deslocar por todo o território nacional. Dados atualizados da rede de pesquisadoras e pesquisadores que acompanham a população Warao no Brasil destacam a presença de famílias Warao residindo em todos os Estados do Brasil, num total de 102 municípios.

Breves apontamentos sobre a população Warao em Belém e Ananindeua

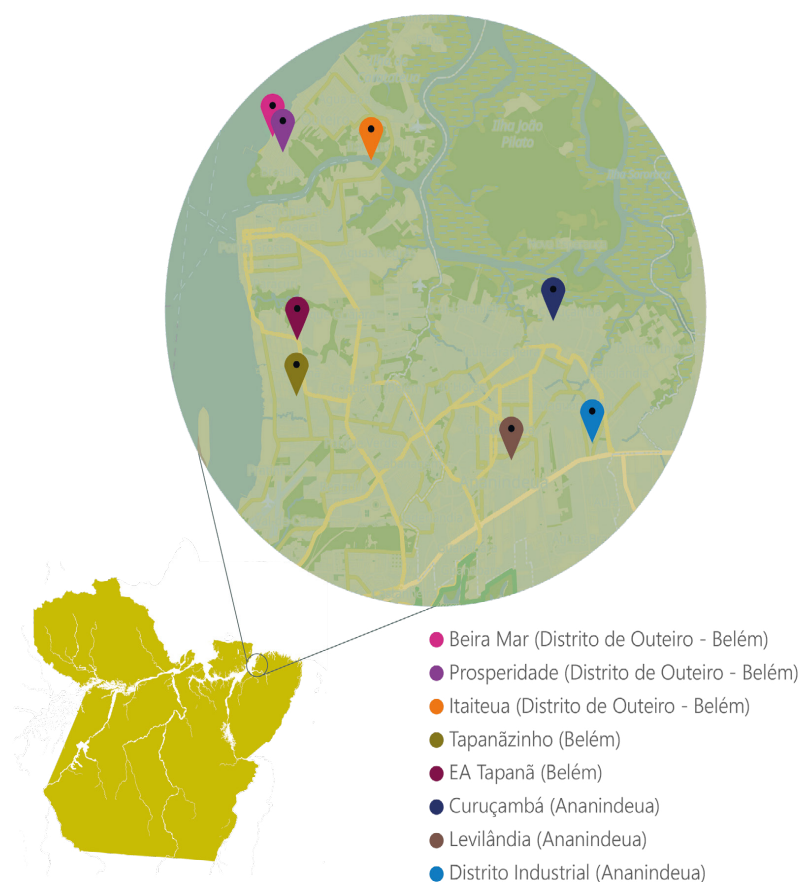
A partir deste marco geral, é importante destacar que a presença Warao em Belém é uma das mais antigas e sólidas ocupações no Brasil, representando sempre um local de certa centralização territorial, assim como base ou eixo de posteriores fluxos e dinâmicas de mobilidade. Ocupar tal lugar dentro dos percursos da re-territorialização Warao (OLIVEIRA, 2004) implica que tanto Belém quanto a sua região metropolitana parecem ter oferecido certas condições materiais de existência que em comparação com outros locais ao longo do país não tem permitido a permanência da população Warao. Não estamos com isso negando as dificuldades, problemas

e deficiências que a população Warao tem encontrado ao longo destes anos na capital paraense, mas sim indicando que, em comparação a outros locais, a cidade parece oferecer possibilidades maiores de gestão da reprodução social, estando também, relativamente, perto da fronteira com a Venezuela.

Neste sentido, as dinâmicas de mobilidade espacial Warao devem deixar de ser entendidas como característica intrínsecas da “cultura Warao” e começar a ser consideradas como processos contemporâneos de re-territorialização, que mantém uma dialética entre a mobilidade/imobilidade, que responde, centralmente, às estratégias de reprodução social dos Warao, deslocando-se, assentando-se e reassentando-se em diversos locais segundo as possibilidades socioeconômicas que estes oferecem.

Atualmente, e segundo dados atualizados do IEB (2021) nos municípios de Belém, Outeiro e Ananindeua, residem aproximadamente 605 indígenas Warao, sendo mais de 53% homens e menos de 47% mulheres. Quase metade desta população é composta por pessoas adultas, repartidas entre oito comunidades distintas, das quais quatro se localizam em Belém e as outras três em Ananindeua. Cada comunidade tem características particulares e específicas quanto às formas de organização social e as condições de reprodução social.

Figura 1. Localização das comunidades Warao em Belém e Ananindeua



Fonte: IEB (2021)

A reprodução social Warao e as suas estratégias de sobrevivência

Dentro das dinâmicas socioeconômicas da população Warao, devem ser incluídos os processos de mobilidade/imobilidade, os quais estão, consecutivamente, orientados à *reprodução social*, isto é, à manutenção da vida com condições de bem-estar social e individual que asseguram as dimensões fundamentais do modo de existência Warao, incluindo centralmente a alimentação, mas também os fundos de reserva rituais e festivos. Desde esta perspectiva, a reprodução social está constituída tanto por processos materiais quanto por processos intersubjetivos que contêm suas próprias racionalidades e lógicas⁴.

Não é interessante abordar os desafios para a inclusão socioproductiva da população Warao desde perspectivas focadas na economia liberal, sob modelos de custo-benefício e de maximização racional, já que estes modelos não formam parte das lógicas gerais da concepção Warao da economia, a qual é entendida mais em termos de reprodução da vida e do bem-estar social que em termos de acumulação e lucro. Da mesma forma, considerar a existência de uma “substância” econômica Warao, que seria autônoma, autocontida e que estaria em equilíbrio homeostático atemporal, resulta também um equívoco. A existência de racionalidades e lógicas socioeconômicas próprias da população Warao não desassocia esta população das dinâmicas gerais da economia de mercado, muito pelo contrário, configura um espaço ambivalente e de múltiplas tensões entre tais tendências subjetivas e o funcionamento de um sistema econômico que atua baseado em outras orientações e estímulos (NARTOSKY, 2004).

Desta forma, a população Warao desenvolve atividades socioproductivas que permitem de maneira descontínua e precária, sua reprodução social dentro do sistema no qual já estão parcialmente inseridos, de forma subordinada e vulnerável.

Desde este marco, as diversas atividades socioproductivas empreendidas pela população Warao, as quais nos referiremos no próximo apartado, devem ser consideradas como *estratégias de reprodução social*, ou seja: um conjunto diverso, heterogêneo e descontínuo de dinâmicas e processos desenvolvidos pela população Warao que são praticados para assegurar a continuidade do grupo. Em geral, estas dinâmicas nos grupos Warao se valem de vínculos primordiais como a etnicidade e o parentesco (mas não exclusivamente) para organizar e desenvolver seus fundamentos. Tal como foi ensaiado em trabalhos anteriores (SANTOS e QUINTERO, 2021), a ideia remete a processos integrais e se distancia certamente de modelos baseados em tipos de “eleição racional” ou “cálculo de meios e fins”, embora também não se remonte à corporificação mecânica de princípios culturais imutáveis – ao contrário, se refere a um processo em que práticas tradicionais e não tradicionais são utilizadas a modo de repertórios de possibilidades (ADLER LOMNITZ, 1987).

As diversas atividades socioproductivas levadas a cabo pela população Warao, e que podem ser consideradas como estratégias de reprodução social, se inserem em um marco plural estruturalmente heterogêneo que

⁴ Sobre este ponto, recomenda-se a leitura do capítulo de Rosa (2021b).

QUINTERO, Pablo. Reprodução social e estratégias de sobrevivência da população Warao na região metropolitana de Belém/PA. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 110-132, jan./abr. 2025.

articula um conjunto muito diversos de táticas orientadas para a sobrevivência do grupo e que incluem fundamentalmente cinco modalidades: a) Trabalho assalariado; b) Artesanato; c) *Ebukitane*; d) Auxílios diversos; e) Projetos produtivos autônomos. Tais modalidades, listadas sem uma ordem de importância específica, representam, na atualidade, o quadro mais comum de atividades socioeconômicas Warao:

a) Trabalho assalariado: é a atividade menos comum desenvolvida pelos Warao em Belém e Ananindeua. As atividades que desenvolvem são muito diversas, mas no caso das empresas, a maioria dos homens jovens estão empregados como empacotadores numa rede de supermercados. No percurso da pesquisa de campo, um número significativo de homens e mulheres Warao se mostraram com desejos de trabalhar formalmente, muitas destas pessoas de fato procuram trabalho, mas são rejeitadas por diversas razões que vão desde o pouco domínio da língua portuguesa a formar parte de grupos etários superiores aos 30 anos, passando por motivos de xenofobia e/ou racismo. Como mostra o diagnóstico elaborado por Rosa (2021b), muitos Warao possuem experiências laborais consolidadas na Venezuela, e algumas titulação acadêmica, porém isto não colabora para uma maior inserção dessa população no mercado de trabalho formal.

b) Artesanato: é uma atividade também praticada na Venezuela pela população Warao, da qual se encarregam majoritariamente as mulheres das unidades domésticas. Desde a chegada dos grupos Warao no Brasil, ela tem desempenhado um importante papel na visibilização da população indígena migrante e, sem dúvida, apoiado na reprodução social. No Pará, diversas tentativas desenvolvidas junto com ACNUR, IEB e outras instituições e atores públicos e privados têm procurado estabilizar tal atividade, mas, pelas suas próprias características, ela se mostra esquivada para a consolidação como uma estratégia basal da reprodução social. Neste sentido, ocupa um espaço importante mas ainda parcial nas atividades Warao⁵. É importante considerar que o artesanato representa uma forma muito específica de mercadoria que é adquirida de forma esporádica e por um público muito específico de consumidores.

c) *Ebukitane*: esta prática tem registros desde a década de 1980, na Venezuela, e no contexto brasileiro tem sido possivelmente a atividade mais desenvolvida pelos grupos Warao (ROSA, 2021b), sendo a maioria das vezes executada por grupos de mulheres. Belém não tem sido exceção nesta dinâmica. O *Ebukitane* reporta uma renda não desprezível para a população Warao e, junto com as ajudas e auxílios que se descrevem no próximo parágrafo, representa o centro da reprodução social Warao, tanto em Belém quanto em Ananindeua. É importante considerar que o *Ebukitane* representa uma prática considerada pelos Warao como “trabalho” e que não estabelece as mediações nem as temporalidades estabelecidas em vínculos de

⁵ Durante a pesquisa de campo, pudemos acompanhar algumas interessantes ações do IEB para articular a produção e a venda de artesanato de algumas mulheres Warao a cadeias de valor em feiras e circuitos artísticos. As ações incluíam também a criação de uma “marca” Warao e um estudo de mercado. No momento de redação deste documento desconhecemos os resultados preliminares de tais ações, mas pareciam muito bem encaminhadas à consolidação da atividade artesanal Warao.

QUINTERO, Pablo. Reprodução social e estratégias de sobrevivência da população Warao na região metropolitana de Belém/PA. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 110-132, jan./abr. 2025.

dependência, como os gerados pelo trabalho assalariado, também por estas características é atrativa para os grupos domésticos Warao.

d) Auxílios diversos: como toda população em contextos de extrema desigualdade social, as famílias Warao dependem fortemente de diversos programas de ajuda e auxílio governamental e privado. O lugar do “Auxílio Brasil” é central, assim como o de outras fontes de alimento e ingressos de diversas origens: entidades dos governos locais, fundações, entidades religiosas e instituições internacionais formam um variado quadro de agentes centrais na reprodução social dos Warao através desta modalidade. Sem esse conjunto variado de programas ou cadeias de doação de alimentos e dinheiro a população Warao simplesmente não conseguiria sobreviver. É por isto que, junto com o *Ebukitane*, os auxílios representam os dois fundamentos centrais da reprodução social Warao.

e) Projetos produtivos autônomos: finalmente, é possível constatar diversos projetos autônomos desenvolvidos pelos Warao como formas de “empreendedorismo” que procuram confirmar alternativas para a reprodução social. Pudemos constatar uma variedade considerável de projetos que vão desde a compra e revenda de produtos de consumo básico até pequenas manufaturas de madeira e de soldagem, passando por tentativas pesqueiras, entre outras atividades. Alguns destes projetos têm surgido através de articulações com instituições de ensino ou grupos religiosos, mas não parecem estar coordenados por tais coletivos. Apesar da interessante potencialidade de alguns destes empreendimentos, nenhum deles foi consolidado. Na maioria dos casos, são os homens do grupo os que participam de tais empreendimentos. O que pode ser explicado porque a grande maioria das tarefas de reprodução social da população Warao são desenvolvidas, tanto no âmbito público quanto privado, pelas mulheres, o que dá mais “tempo livre” aos homens, constituindo problemas de diferenciação social nos grupos⁶.

Após a breve descrição das principais atividades de reprodução social, é importante destacar que a maioria da população Warao as considera como formas de “trabalho”, incluindo a recepção de auxílios e planos sociais. É precisamente por isto que as categorias de reprodução social e de heterogeneidade estrutural são fundamentais, porque excedem a categoria “trabalho” e as mediações materiais e subjetivas que esta categoria inclui. Dito de outra forma: tudo o que a população Warao faz para se reproduzir socialmente deve ser entendido como atividade socioeconômica, e não só as dinâmicas de trabalho “formal”. A categoria formal de “trabalho” implica a realização de uma atividade ou a venda da força de trabalho (material ou intelectual) em troca de dinheiro, recursos ou produtos; o tempo da atividade, assim como os intervalados que regulamentam as trocas podem ser extremamente diversos, mas todas se caracterizam pela existência de mediações. Desta forma, o *Ebukitane* e a recepção de auxílios também devem ser consideradas atividades socioeconômicas e, neste sentido, estratégias de reprodução social dentro do repertório de possibilidades empregadas pela população Warao.

⁶ Sobre os processos de diferenciação social baseados no gênero entre a população Warao pode ser consultado Ayala Lafée-Wilbert e Wilbert (2008) e Rosa (2021a).

QUINTERO, Pablo. Reprodução social e estratégias de sobrevivência da população Warao na região metropolitana de Belém/PA. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 110-132, jan./abr. 2025.

O diagrama a seguir procura demonstrar graficamente as principais atividades socioprodutivas que mantêm a reprodução social dos Warao em Belém e Ananindeua. Como foi explicitado, tais atividades estão relacionadas à dialética mobilidade/imobilidade das dinâmicas territoriais. Algumas atividades socioprodutivas têm maior incidência e eficácia na sobrevivência das unidades domésticas Warao, por isto, o artesanato, o *Ebukitane* e os auxílios que aparecem no diagrama estão mais próximas à esfera central da reprodução social. Da mesma forma, existe uma distância estrutural entre as dinâmicas territoriais de mobilidade/imobilidade e as atividades socioprodutivas Warao. Práticas como o recebimento de auxílios e o trabalho assalariado requerem, em geral, domicílio regular e fixo, enquanto atividades como o artesanato e os diversos projetos produtivos autônomos têm a possibilidade de serem executados durante as dinâmicas de mobilidade territorial. Por outro lado, o *Ebukitane* é uma prática muito mais flexível podendo ser efetivada num padrão de domicílio estável ou em plena mobilidade, destacando-se também como a atividade socioprodutiva mais desenvolvida pela população Warao.

Figura 2. Reprodução social e atividades socioprodutivas Warao



Fonte: Elaboração do autor (2022)

Vale notar que as atividades, dinâmicas e processos são apresentadas estaticamente no diagrama, mas, na realidade, representam elementos mutáveis e estruturalmente heterogêneos, tanto em relação à distância basilar entre eles quanto na importância para a reprodução social.

A heterogeneidade estrutural é uma característica que pode ser reconhecida entre diversos grupos sociais (eticamente diferenciados ou não) que se encontram numa situação de vulnerabilidade em todas as dimensões da existência social, ou seja, não só num contexto de desvantagem ou de desigualdade econômica. Neste sentido, a necessidade de recorrer a múltiplas fontes e modalidades de ingresso está, sem dúvida,

relacionada com problemas ou empecilhos no acesso aos recursos e produtos de certa formação social, mas confere, ao mesmo tempo, um lugar social de subalternidade que (re)produz a desigualdade econômica. No caso Warao é evidente que a condição de indígenas e de estrangeiros se correlacionam com as condições de pobreza, formando um quadro de desigualdades estruturais que precariza a reprodução da sua vida.

Esta condição de assimetria, que é ao mesmo tempo histórica e estrutural, pode ser denominada de “marginalidade” (QUIJANO, 1998), no sentido socioantropológico do termo. Isto é uma condição social geral da população excluída das dinâmicas e processos formais da economia que se reproduz precisamente através de atividades próprias da economia informal, incluindo formas de trabalho informal remunerado, mas também práticas (tradicionais ou não) que se localizam para além da racionalidade econômica do mercado e que podem estar baseadas em formas de organização comunal ou parental. As populações em condição de marginalidade se encontram nas margens do sistema, não só no sentido espacial ou topológico, senão socioeconômico e sociocultural. Que habitem as margens da economia e da sociedade não quer dizer que estejam fora destes âmbitos, pelo contrário, a condição de marginalidade estabelece relações diretas e mediatizadas com o mercado e o Estado.

Desta maneira, a população Warao em Belém e Ananindeua está em condições de marginalidade, precisamente por isso, em relação com os sistemas sociais locais. Esta perspectiva convida a pensar a relacionalidade das diversas articulações sociais Warao com as estruturas da sociedade abrangente e não como uma população em exterioridade absoluta. Dito em outros termos: a população Warao está inserida no mercado e no Estado através das suas atividades socioprodutivas, mas essa inserção é parcial, precária e subalternizada (leia-se marginal).

Neste ponto, vale a pena reter o conceito de marginalidade a fim de considerar tanto as condições de vida atuais da população Warao quanto as propostas de inserção socioprodutivas para tal população, entendendo, mais uma vez, que já existem formas de inserção socioprodutiva marginal. Neste marco, o problema não está em “inserir” a população Warao, senão em transformar ou rearticular o tipo de inserção subalternizado no qual se encontram em outro modelo mais simétrico que permita um melhor acesso a recursos, produtos e direitos sociais. Por isso, preferimos nominar esta iniciativa como articulação socioprodutiva.

Considerações sobre os processos de articulação socioprodutiva da população Warao em Belém e Ananindeua

Como vimos, com algumas exceções pontuais, a grande maioria da população Warao que reside em Belém e Ananindeua sobrevive desenvolvendo um conjunto diverso de atividades socioprodutivas orientadas fundamentalmente à reprodução social. Tais atividades são dinamizadas desde um repertório de possibilidades já constricto que, como se sabe, corresponde à situação de marginalidade social na qual se encontram os

indígenas venezuelanos. Vale destacar que esta situação não é exclusiva dos Warao e que outras comunidades e setores sociais se encontram em relações de extrema desigualdade na região metropolitana de Belém, e ainda mais no município de Ananindeua.

Como já foi apontado, é fundamental ponderar o contexto socioprodutivo no qual a população Warao pretende rearticular-se. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que datam de 2019, a região metropolitana de Belém contava nesse ano com pouco mais de 2,5 milhões de habitantes. Em dados mais recentes, só a cidade de Belém alcançou uma taxa de desemprego de quase 30%, o que representa em termos demográficos mais de 500.000 pessoas desempregadas, só na capital paraense⁷. Dentro de um quadro nacional que para o mês de julho deste ano apresentava mais de 10 milhões de pessoas desempregadas. Da mesma forma, a região metropolitana de Belém é a terceira mais desigual do país, ficando atrás de Natal/RN e Fortaleza/CE. Segundo dados de julho de 2021, mais de 33% da população da região metropolitana de Belém sobrevive com um quarto do salário-mínimo⁸, o que representa que a terceira parte desta população vive em condições de pobreza⁹.

Os números são significativos para uma economia periférica como a paraense que depende em boa medida do setor público e do setor terciário. Nestas condições, a economia informal ocupa um amplo espaço na economia total da região metropolitana de Belém e em geral do Pará. Esta contextualização demonstra que os desafios na articulação socioeconômica da população Warao representam também problemáticas do próprio contexto e não só do referido grupo indígena. Estamos de fato diante de um cenário de ampla concentração da riqueza, de pouco ou nenhum crescimento econômico com inclusão, e de uma estrutura sem as bases necessárias para atrair recursos humanos e gerar empregos. Da mesma forma, é fundamental considerar que a economia informal se desenvolve de forma paralela à chamada economia formal, mas com maior flexibilidade em relação a licenças, certificados etc. Em muitos casos, a existência de tais instrumentos de “licenciamento” e “certificação” funcionam, na prática, para restringir o acesso da população a núcleos socioeconômicos ou para assegurar interesses monopólicos ou semi-monopólicos em diversos setores da economia. Por isto, é necessário analisar com detalhamento crítico as exigências deste tipo, ainda mais quando se pretende a articulação de uma população vulnerável numa economia já caracterizada pela informalidade.

Sabendo a importância do contexto e os desafios que implicam a articulação socioprodutiva da população Warao na região metropolitana de

⁷ Disponível em :

<<https://www.oliberal.com/economia/taxa-de-ocupacao-cresce-e-desemprego-recua-no-para-aponta-pnad-1.574101>>. Acesso em: 7 set. 2022.

⁸ Disponível em:

<<https://www.oliberal.com/economia/regiao-metropolitana-de-belem-e-3-mais-desigual-do-brasil-aponta-estudo-1.407382>>. Acesso em: 7 set. 2022.

⁹ Disponível em:

<<https://www.oliberal.com/belem/regiao-metropolitana-de-belem-tem-mais-de-816-mil-pessoas-em-situacao-de-pobreza-1.572894>>. Acesso em: 7 set. 2022.

Belém, é necessário insistir em alguns aspectos gerais das características e capacidades socioprodutivas do grupo.

Figura 3. Pessoas em idade ativa para o trabalho segundo gênero

Local de moradia	Sexo		Total
	M	F	
Beira Mar (Belém-Outeiro)	7	6	13
Curuçambá (Ananindeua)	24	21	45
Distrito Industrial (Ananindeua)	11	8	19
EA Tapanã (Belém)	41	36	77
Itaiteua (Belém-Outeiro)	26	19	45
Levilândia (Ananindeua)	7	11	18
Prosperidade (Belém-Outeiro)	21	19	40
Tapanãzinho (Belém)	2	2	4
Total	139	122	261

Fonte: IEB (2021)

Considerando, como vimos, que mais de 605 pessoas Warao habitam na região metropolitana de Belém, e contrastando este número com a população Warao em idade ativa para o trabalho, segundo os dados do quadro anterior se refere a 261 pessoas, a porcentagem da população em movimentação laboral é de pouco mais de 40% que não é uma cifra desprezível em termos relativos. Não obstante, e como demonstra o diagnóstico de Marlise Rosa (2021b), as potencialidade e capacidades de articulação são bem contrastantes entre as diversas comunidades.

Com o objetivo de precisar estas diferenças e de estabelecer projetos alternativos de articulação socioprodutiva, na continuação realizamos uma descrição sucinta das comunidades Warao de Belém e Ananindeua, prestando especial interesse nas condições atuais de reprodução social e nas atividades desenvolvidas para tal fim, mas também nas condições relativas à organização e coesão social, capacidades de trabalho coletivo e processos de diferenciação social. Antes disso, é necessário findar duas notas fundamentais.

A primeira está relacionada com a conformação das comunidades Warao. Com exceção da comunidade que reside no abrigo do Tapanã (Belém), a maioria dos assentamentos Warao está formado por diversas unidades domésticas ligadas por relações de parentesco diversas, articuladas sob a figura de uma liderança. Também é possível encontrar assentamentos, como nos casos de Prosperidade (Belém/Outeiro) e Curuçambá (Ananindeua), formados por diversas unidades domésticas, às vezes ainda sem relações de parentesco estabelecidas, mas com alianças políticas entre diversas lideranças. Todos esses laços sociais, incluindo os mais consolidados que

seriam aqueles constituídos sobre as relações de parentesco, são sempre parciais e limitados e, às vezes, tensionados pelo próprio contexto de marginalidade social já apontado. Neste sentido, em alguns casos, grupos Warao desenvolvem dinâmicas de fissão e fusão social. No primeiro caso, estabelecendo rupturas entre unidades domésticas ou famílias estendidas e se assentando em outros locais (na medida em que as possibilidades materiais permitam esta opção). Por outra parte, os casos de fusão acontecem como consequência direta dos processos de fissão ou com a chegada de novas pessoas procedentes de outras cidades ou estados às localidades onde já residem familiares. Tudo isto implica que é necessário ter em conta certa instabilidade ou variabilidade das unidades domésticas e dos assentamentos.

Em segundo lugar, como em todo grupo humano, existem processos internos de diferenciação social na população Warao que correspondem tanto à classificação social baseada em “gênero” (que não é binária no caso Warao) quanto a outros marcadores sociais de corte político e religioso-espiritual. Todos estes processos de diferenciação social mediatizam as relações sociais e afetam o desenvolvimento de qualquer tipo de articulação social entre as famílias e as unidades domésticas e, ainda, entre a totalidade da população Warao. Não tendo um porta-voz, senão várias pessoas encarregadas da “liderança”, qualquer projeto de articulação socioproductiva deve considerar esta pluralidade organizativa, levando em conta as diversas vozes e seus tensionamentos.

Condições de articulação socioproductiva das comunidades Warao

Seguindo a ordem alfabética já estabelecida na figura 3, elaborada pelo IEB, passamos a caracterizar brevemente cada comunidade e assentamento Warao em Belém e Ananindeua. Em alguns casos, acompanham uma breve caracterização de imagens das comunidades:

a) Beira Mar (Belém-Outeiro): localizada em Outeiro, a comunidade está formada por uma grande família com diversas unidades domésticas diferenciadas. Se mantém graças aos auxílios, ao *Ebukitane*, à venda de artesanato e outros projetos. A comunidade tem um núcleo organizativo muito interessante, com importantes características de coesão social ao redor de um ancião e pai de vários filhos adultos. A grande maioria dos homens do grupo trabalharam como pescadores especializados na Venezuela, tendo um conhecimento considerável dessa arte e da totalidade do processo econômico envolvido para tal fim. Alguns deles já trabalharam coletivamente nas diversas atividades pesqueiras na Venezuela e, de fato, a liderança anciã principal foi chefe de pesca. A localização da comunidade é ótima para realizar atividades pesqueiras e alguns dos homens já projetaram e tentaram estas atividades, mas sem contar com os insumos necessários. As potencialidades, a experiência e os conhecimentos necessários para empreender tal projeto estão na comunidade, assim como a possibilidade de

articular um empreendimento desse tipo com uma organização produtiva das mulheres baseada na venda de peixes cozidos.

Figura 4. Grupos de homens pescadores de Beira Mar



Fonte: Acervo do autor (2022)

b) Curuçambá (Ananindeua): comunidade socialmente heterogênea, com diversas unidades domésticas ligadas por laços de parentesco, mas com pouca coesão parental. Apesar dessa heterogeneidade, existem fortes laços de aliança política entre os dois *aidamos* da comunidade que atuam de forma bastante autônoma. A comunidade está assentada em habitações Warao tradicionais, mas em um local com diversas problemáticas de ocupação e com a possibilidade iminente de ser realocada para outro espaço. As unidades domésticas da comunidade sobrevivem à base de auxílios. Está presente também o *Ebukitane* desenvolvido pelas mulheres e, em menor medida, o artesanato. A maioria dos homens da comunidade tem experiência na pesca e, de fato, foram providos por ACNUR, em 2021, com duas embarcações como incentivo para desenvolver a pesca, mas uma das embarcações foi roubada e o desconhecimento acerca da cartografia fluvial da região os impediu de pôr em prática a atividade pesqueira. Homens e mulheres da comunidade também desenvolvem atividades de plantio em pequena escala dentro da área comunitária. O apoio e o impulso de alguma destas últimas atividades, mas dependendo do destino da realocação da comunidade, podem representar uma alternativa socioprodutiva.

Figura 5. Grupo de mulheres e vivendas tradicionais Warao e Curuçambá

Fonte: Acervo do autor (2022)

c) Distrito Industrial (Ananindeua): a comunidade realmente está formada por várias unidades domésticas com relações de parentesco entre elas que alugam um conjunto habitacional reduzido. A pouco mais de dois quarteirões, se encontra outra residência alugada onde residem duas unidades domésticas também com relações de parentesco. Mas entre o primeiro assentamento e o segundo não existem relações parentais. O contexto de relações com a vizinhança é de extrema hostilidade com os Warao, mesmo sabendo que esta é uma característica geral no Brasil, as condições parecem estar para além do comum. A primeira ocupação, majoritária em termos demográficos, se reproduz socialmente graças aos auxílios, ao *Ebukitane* e também há três pessoas adultas com empregos (duas em uma associação religiosa local) e outra em um supermercado. A principal liderança deste setor possui um conhecimento destacado sobre cultura e tradições Warao. Já o segundo assentamento, menor em termos demográficos, sobrevive com auxílios, *Ebukitane* e artesanato. Neste caso, também os homens confeccionam peças manualmente, incluindo redes de excelente manufatura. Para as unidades domésticas de Distrito Industrial, independentemente do assentamento, o artesanato parece uma alternativa interessante, mas também as atividades culturais baseadas em dança e canto podem ser um tipo de atividade a ser articulada de forma socioprodutiva, através de algum projeto específico direcionado para tal fim.

Figura 6. Duas unidades domésticas de artesãs e artesãos de Distrito Industrial

Fonte: Acervo do autor (2022)

d) “Espaço de Acolhimento” Tapanã (Belém): sem dúvida, o local mais heterogêneo e um dos mais difíceis para projetar articulações socioprodutivas. Está constituído em um abrigo administrado pelo governo local, com diversas problemáticas de gestão institucional e com relações muito conflitivas com a população Warao residente. O nosso próprio acesso foi dificultoso. No abrigo moram diversas unidades domésticas, com pouca coesão social e sem relações de parentesco estendidas que vinculem aos moradores. Possivelmente, para além dos laços próprios da etnicidade, os vínculos são desenvolvidos pela ocupação comum do espaço do abrigo e por relações de amizade e companheirismo desenvolvidas nesse âmbito. Neste marco, a subsistência geral das pessoas do Espaço de Acolhimento do Tapanã conta com a alimentação diária. Algumas pessoas desenvolvem diversos trabalhos formais (principalmente em supermercados), outras recebem auxílios, fazem *Ebukitane* e confeccionam artesanato. Existem vários projetos socioprodutivos projetados pelos habitantes que resgatem suas experiências de trabalho na Venezuela, a maioria relacionada com o setor de alimentos, mas também com cooperativas de limpeza. Existe um conjunto muito diverso de experiências laborais e de potencialidades socioprodutivas, mas que dificilmente possam ser planejadas através de um projeto só.

e) Itaiteua (Belém-Outeiro): ao nosso ver, esta comunidade é a que apresenta maiores desafios nas condições de vida e na reprodução social cotidiana e, ao mesmo tempo, a que se encontra na maior situação de marginalidade e vulnerabilidade social. É habitada por um conjunto de unidades domésticas com relações de parentesco entre elas e com bastante coesão social, agrupadas em torno de um jovem *aidamo*. As unidades fizeram um grande esforço coletivo na compra do terreno onde habitam, mas que tem diversos problemas de saneamento e serviços básicos. As

construções do local foram feitas conforme a tradição de habitação Warao. A comunidade se reproduz socialmente, principalmente, com os auxílios, o *Ebukitane* e o artesanato. As mulheres da comunidade são excelentes artesãs e confeccionam uma importante diversidade de peças, mas se encontram com os problemas comuns de acesso a mercados e vendas. A maioria dos homens tem experiências de trabalho com mecânica, alguns deles especializados em motores de lancha e de motos. Duas alternativas socioprodutivas interessantes para esta comunidades e diferenciadas a partir do gênero poderiam estar baseadas na consolidação do artesanato no caso das mulheres (processo já empreendido pelo IEB) e em uma organização cooperativa de mecânica para os homens, mas estes últimos precisam de insumos já que carecem das ferramentas necessárias.

Figura 7. Vivendas Warao em Itaiteua



Fonte: Acervo do autor (2022)

f) Levilândia (Ananindeua): a comunidade está ligada por laços de parentesco diretos, centralizada na liderança de um dos Warao com maior poder de gestão na região metropolitana de Belém. Este indígena trabalha na Prefeitura de Ananindeua e consegue centralizar diversos serviços em favor do seu grupo. A comunidade está dividida em pequenas casas separadas por poucas quadras em regime de aluguel. Para além do trabalho assalariado da liderança, um dos filhos do casal principal trabalha num supermercado. A comunidade também recebe diversos auxílios e, ao longo do último ano, empreendeu vários projetos produtivos, o mais interessante foi uma pequena produção de móveis de madeira, inclusive adquirindo uma máquina para tal fim. Esse projeto autônomo fracassou por falta de saídas de venda. Algumas mulheres do grupo também fazem artesanato. No momento da realização da pesquisa, não faziam *Ebukitane*. Em termos socioeconômicos é a comunidade de maior estabilidade e com menos desafios neste âmbito. Deve

destacar que na própria vizinhança reside outra unidade doméstica com condições de vida muito precárias e que teria se afastado da comunidade através de um processo de fissão. Esta unidade é formada quase exclusivamente por pessoas idosas.

Figura 8. Mulher artesão e unidade doméstica com empregos formais em Levilândia



Fonte: Acervo do autor (2022)

g) Prosperidade (Belém-Outeiro): a comunidade é formada por dois grupos diferentes e com tensões entre eles. Convivem no mesmo espaço de casas que alugam. O primeiro grupo, de muita coesão, está organizado em torno da liderança de uma jovem mulher que desempenha labores como artesã. Junto com esta atividade, o grupo subsiste de auxílios e de *Ebukitane*. Alguns dos homens do grupo participam de um curso especializado em soldagem e têm um projeto coletivo a partir disso, mas reclamavam da falta de materiais para a atividade. O segundo grupo está articulado ao redor da liderança de um homem e de sua esposa, e sobrevive também a partir de auxílios de *Ebukitane*, mas as mulheres do grupo têm um importante envolvimento no artesanato, confeccionando diversas peças. Três homens deste grupo, incluindo a liderança, também participam das oficinas de soldagem. Apesar de ser um projeto comum entre os dois grupos da comunidade, o empreendimento de soldagem não parece uma possibilidade socioeconômica que possa abranger muitas pessoas. Da mesma forma, é uma atividade com alta concorrência.

Figura 9. Mulheres artesãs de Prosperidade

Fonte: Acervo do autor (2022)

h) Tapanãzinho (Belém): comunidade formada por diversas unidades domésticas com relações de parentesco direto. Neste caso, a liderança política recai em uma mulher. Possivelmente, seja a comunidade com mais resistência a trabalhar com organizações externas à comunidade. Na atualidade, suas unidades domésticas sobrevivem dos auxílios, de *Ebukitane* e do trabalho no artesanato de várias mulheres. Muitas pessoas residentes têm ampla experiência em pesca e agricultura. Nesta última, seja trabalhando de forma autônoma ou como assalariado.

Balanço e perspectivas

As caracterizações anteriores permitem estabelecer um balanço geral sobre a situação de cada uma das comunidades Warao residentes em Belém e Ananindeua sob a perspectiva das suas possibilidades de articulação socioeconômica, considerando de forma relacional tanto as condições de vulnerabilidade de cada comunidade quanto a viabilidade de sucesso de projetos produtivos futuros.

Esta última escala considera os diversos fatores relacionados às capacidades, experiências e potencialidades dos recursos humanos de cada comunidade, assim como a seus níveis organizativos e de coesão social, em relação com as oportunidades do contexto socioeconômico da região. É importante definir brevemente cada uma das variantes anteriores. Primeiramente, se destacam três variáveis que fazem referência às condições e possibilidades dos recursos humanos de cada comunidade: capacidades, experiências e potencialidades. Por *capacidades* se entendem as atitudes, qualidades, habilidades, competências e destrezas que possuem individual e coletivamente os indivíduos que formam parte das comunidades Warao, focando na dimensão prático-laboral de tais capacidades. Por *experiências* se compreendem os conhecimentos e práticas já adquiridas pelos membros das

QUINTERO, Pablo. Reprodução social e estratégias de sobrevivência da população Warao na região metropolitana de Belém/PA. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 110-132, jan./abr. 2025.

comunidades que formam uma matriz cumulativa de saberes práticos e que podem ser utilizados diretamente e sem a necessidade ou a intermediação de capacitações. Como terceiro ponto, as *potencialidades* fazem referência tanto à conjunção articulada das já definidas *capacidades* e *experiências* quanto às possibilidades e probabilidades de sucesso de tal conjunção. Na mesma ordem de ideias, as variáveis *nível organizativo* e *coesão social* descrevem as características societais internas dos grupos, das quais dependem as três variáveis anteriores. O *nível organizativo* define a disposição coletiva da comunidade e suas dinâmicas de articulação interna enquanto a *coesão social* se refere aos núcleos de estruturação comunitária, incluindo as competências para a resolução de conflitos e disputas internas que não impliquem a fratura das comunidades e a dispersão espacial das famílias que a compõem.

Desta forma, numa escala que classifica de menor a maior as condições de adversidade socioeconômica e de marginalidade social, Itaiteua aparece com maior vulnerabilidade entre as comunidades e, em último lugar, Levilândia.

Por outra parte, se são comparadas as comunidades enquanto aos elementos já sinalizados (capacidades, experiência e potencialidades), considerando as possibilidades de criar um programa de articulação socioeconômica bem-sucedido a médio prazo, a comunidade de Beira Mar aparece como a mais indicada a tal resultado. É evidente que as comunidades Warao continuaram sobrevivendo dentro das atividades socioeconômicas da sua estrutura heterogênea de reprodução social, mas dentre as cinco atividades desenvolvidas (trabalho assalariado, artesanato, *Ebukitane*, auxílios e projetos autônomos) só a última delas parece oferecer uma possibilidade de autogestão que permita no futuro uma menor dependência do resto das atividades que se mostram insuficientes. O *Ebukitane*, apesar do seu rendimento econômico, sabemos ser uma prática extremamente vulnerável, assim como o artesanato é uma importante fonte de ingresso, mas também é uma atividade com problemas para sua consolidação. Da mesma forma, o trabalho assalariado só será possível para uma parcela muito reduzida da população Warao e nem sempre seu acesso será em boas relações de dependência ou de ingressos.

A proposição de um projeto de articulação socioproductiva não pode só considerar a urgência e a necessidade que uma comunidade específica tem de tal saída socioeconômica. Pelo contrário, um programa praticável precisa considerar também qual das comunidades oferece uma base sociopolítica e organizativa que permita apostar recursos financeiros e humanos na construção e na decolagem de um projeto desse tipo. Sabendo que não é possível projetar em todas as comunidades Warao ao mesmo tempo, mas sabendo também que um projeto exitoso pode tanto inspirar e replicar quanto solidificar outras experiências e projetos em outras comunidades. A comparação dos diagramas demonstra que a comunidade de Beira Mar é a que oferece um melhor fundamento social para realização de projeto piloto no sentido anteriormente descrito e, ao mesmo tempo, é uma das comunidades que mais precisa de uma articulação socioeconômica eficiente.

Referências bibliográficas

ACNUR. ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS. **Os Warao no Brasil: contribuições da antropologia para a proteção de indígenas refugiados e migrantes**. Brasília: ACNUR, 2021.

ADLER LOMNITZ, Larissa. **Cómo sobreviven los marginados**. México: Siglo XXI, 1987.

AYALA LAFÉE-WILBERT, Cecilia; WILBERT, Werner. **La mujer Warao: de recolectora deltana a recolectora urbana**. Caracas: Fundación La Salle, 2008.

BRIGGS, Charles. **Poéticas de vida en espacios de muerte: género, poder y Estado en la cotidianidad Warao**. Quito: Abya-Yala, 2008.

GARCÍA-CASTRO, Álvaro. **Mendicidad indígena: los Warao urbanos**. Boletín Antropológico, 48, Mérida, p. 79-90, 2000.

HEINEN, Dieter. **Residence rules and household cycles in a Warao subtribe: the Case of the Winikina**. Caracas: Fundación La Salle, 1972.

HEINEN, Dieter e GASSÓN, Rafael. **Forasteros en su propia tierra: testimonios de los amerindios Warao**. Caracas: Instituto Venezolano de Investigaciones Científicas, 2016.

HILL, George; LIZARRALDE, Roberto e SILVA MICHELENA, José. **Los Guarao del Delta Amacuro**. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1954.

IEB. Instituto Internacional de Educação do Brasil. **Perfil laboral de los indígenas Warao residentes en Belém e Ananindeua**. Belém: IEB, 2021.

NAROTSKY, Susana. **Antropología económica: nuevas tendencias**. Barcelona: Melusina, 2004.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **Uma etnologia dos “índios mixturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais**. In: OLIVEIRA, João Pacheco de (org.) *A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. Rio de Janeiro: Contracapa, p. 13-42, 2004.

QUIJANO, Aníbal. **La economía popular y sus caminos en América Latina**. Lima: Mosca Azul, 1998.

QUINTERO, Pablo. **Peuples autochtones et politiques indigénistes au Venezuela (1999-2018)**. In: GARZÓN, Olga; SALLERIN, Mathilde; URIBE CARREÑO, Enrique. (orgs.) *Venezuela, la révolution bolivarienne, 20 ans après*. Paris: L'Harmattan, p. 159-167, 2020.

ROSA, Marlise. **A mobilidade Warao no Brasil e os modos de gestão de uma população em trânsito: reflexões a partir das experiências de Manaus/AM e Belém/PA**. Rio de Janeiro: Museu Nacional-UFRJ / E-Papers, 2021a.

QUINTERO, Pablo. Reprodução social e estratégias de sobrevivência da população Warao na região metropolitana de Belém/PA. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 110-132, jan./abr. 2025.

Espaço Ameríndio

ROSA, Marlise. **Percepções Warao sobre trabalho: suas experiências, expectativas e potencialidades para inserção produtiva na região metropolitana de Belém (Pará).** Belém: Instituto Internacional de Educação do Brasil, 2021b.

ROSA, Marlise; QUINTERO, Pablo. **Entre a Venezuela e o Brasil: algumas reflexões sobre as migrações Warao.** In: *32ª Reunião Brasileira de Antropologia*. Rio de Janeiro. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, p. 1-13, 2020.

SANTOS, Elis Ribeiro dos; QUINTERO, Pablo. **Dinâmicas de reprodução social das mulheres Warao em Manaus/AM.** Espaço Ameríndio, 15 (3), Porto Alegre, p. 212-228, 2021.

SUÁREZ, María Matilde. **Los Warao.** Caracas: Instituto Venezolano de Investigaciones Científicas, 1968.

SUÁREZ, María Matilde. **Terminología, alianza matrimonial y cambio en la sociedad Warao.** Caracas: Universidad Católica Andrés Bello, 1972.

WILBERT, Johannes. **Folk literature of the Warao Indians: narrative material and motif content.** Los Angeles: University of California, 1970.

Recebido em: 15/08/2024* Aprovado em: 30/01/2025* Publicado em: 30/04/2025
